EXAME

DAS

CAUSAS, QUE ALLEGOU O GABINETE DE THUILHERIAS

PARA MANDAR CONTRA PORTUGAL

OS EXERCITOS

FRANCEZ, E HESPANHOL

EM NOVEMBRO DE 1807.

POR

FRANCISCO SOARES FRANCO

LENTE DA FACULDADE DE MEDICINA,

E BACHAREL FORMADO EM PHILOSOPHIA.

COIMBRA,

NA REAL IMPRENSA DA UNIVERSIDADE.

1808.

Com licença do Governo.

L'injustice, et l'exagération peuvent quelquefois se jouer des Nations; mais l'expérience a prouvé, que la durée de ces fléaux est passagere.

MONITOR DE 13 de NOVEMBRO DE 1807.

RPJCB

Primeira Conta do Ministro das Relações Exteriores, sobre o estado (1) das cousas de Portugal, dada ao Imperador, e Rei a 21 de Outubro de 1807.

A Primeira reflexão, que se offerece, he a data desta Conta; diz-se feita a 21 de Outubro, e só appareceu no Monitor de 24 de Janeiro; que razão teria Napoleão para esta longa demora? He mais provavel, que fosse feita depois da Conquista de Portugal, com o fim de illudir algumas Potencias, e mais ainda os proprios Francezes, e lhe mandasse pôr antidata. Esta opinião se torna quasi certa, se reflectirmos, que a Conquista deste Reino não podia ter dúvida, sendo invadido pelas forças reunidas de França, e Hespanha, e era desnecessario suspender a publicação desta Conta, se estivesse já feita.

Senhor: o Tratado de *Tilsit* tinha estabelecido a paz do Continente; *O Tratado de* Tilsit *foi o Tratado da partilha da Europa; apenas Bonaparte chegou a París, logo publicou de huma maneira solemne que faltava fazer a federação das Hespanhas, e das Italias: estava pois declarada a guerra á Hespanha, a Portugal, e á Grecia. A Russia tomava a seu cargo a Suecia; mas não se lhe consentia a invasão da Turquia, em quanto Bonaparte não estivesse perto, para se apossar da maior, e melhor parte. O tempo foi descobrindo todos estes ajustes. As fronteiras da Dinamarca estavão observadas por hum Exercito Francez: a Austria escaparia a esta desordem universal? Não certamente; tambem havia deixar de ser Monarchia. Tal era a paz, que os dous Imperadores acabavão de dar ao Continente.*

E dava esperanças da paz maritima. *Não sabemos, em que se fundava tal esperança: não na Justiça: porque Bonaparte tinha*

---

(1) Na Conta que deu *Champagny* ao Imperador á cêrca dos Negocios de Portugal, he que vem desenvolvidas as causas da invasão deste Reino pelas Tropas Francezas, e por esse motivo tomámos a nosso cargo fazer o exame desta notavel Peça. Como os factos em que o Ministro se apoia, são muito conhecidos, não he preciso ter assistido ás deliberações do Gabinete Portuguez, para se dar a sua completa refutação. Não nos foi possivel alcançar o Monitor, onde vinha por extenso esta Conta. Em falta do Original hum Amigo nos subministrou a presente Traducção, de que nos servimos, a qual pela maneira com que está escrita, nos parece verter com bastante exactidão o sentido do Author.

extendido excessivamente as fronteiras da França; conquistado toda a Italia, e Dalmacia; governava a seu arbitrio a Alemanha, a Hollanda, e a Suissa; queria fazer o mesmo ás Hespanhas, e quasi de certo ás outras Potencias Continentaes ainda não abysmadas pela voragem revolucionaria. Nada queria ceder de suas Conquistas, ou de sua prepotencia; e esperava então sem Náos, sem Marinha alguma dar a lei no mar á maior Potencia maritima, que tem tido o Universo? Esperava, que ella perdesse os fructos de seus extraordinarios esforços, sem compensação alguma? Que chimericas esperanças!

Fundar-se-hia a esperança da paz maritima na necessidade, em que suppunhão a Inglaterra de a fazer? He este o grande erro dos partidistas Francezes. Os Inglezes se não vendião ao Continente, tambem não compravão, e por consequencia o seu numerario, e os seus recursos fazião o giro dentro do Paiz, e nunca se perdião. Elles não tiravão utilidade real da maior parte dos Paizes Europeos; trocavão generos por generos; assim, perdião algumas commodidades, mas não as suas riquezas Nacionaes. Ha muito tempo, que a Inglaterra via, que o Commercio da Europa lhe hia diminuindo, e escapando, e tinha voltado as suas vistas para a Asia, Africa, e America. Quando muito, achava-se obrigada a mudar a direcção da sua industria Commercial; como por ex. diminuir as suas fabricas de panos, e augmentar as das Fazendas proprias dos Paizes quentes, etc. Grande mal! Estaria por isso perdida? E a troco dessas mudanças havia Inglaterra fazer huma paz, que cavava a sua sepultura, e abria para toda a Nação hum abysmo de horrores incommensuraveis? Quem não via, que por meio da paz os Francezes podião construir muitas Náos, provêr os seus Arsenaes, aparelhar toda a Marinha, extender o Commercio, criando assim hum viveiro de habeis marinheiros, e que no fim de alguns annos estava em estado de disputar á Inglaterra o Imperio dos mares?

Só hum meio tinha Bonaparte para conseguir a paz maritima; e era dissimular perfeitamente a sua ambição sobre o Continente, e tratar com a Inglaterra huma paz util a ambas as Nações: só assim poderia esperar adormecella. Porém elle perdeo-se engolfado na vaidade de seus triunfos, errou o verdadeiro caminho da sua propria Ambição, e a querer seguir a Politica da Usurpação não atinou com o verdadeiro golpe.

Duas grandes Potencias se reunião para a dar ao Mundo. *As duas Potencias, se erão grandes no Continente, erão pequenas no mar, e não podião dar aquillo, que devião pedir antes; de mais, a Inglaterra via bem, que a paz entre ellas não era sincera; o mesmo espirito*

de Ambição, e de Conquista que as unira, as havia de separar de huma maneira mais violenta em breve tempo.

V. Magestade a propunha á Inglaterra. *Propunha-lhe o cadafalso, e ninguem o aceita.*

A Russia offerecia sua mediação. *Não estava nas circunstancias de ser Medianeira; mostrou logo, e foi descobrindo cada vez mais a sua grande parcialidade pela França. Para declarar a guerra á Inglaterra não esperou senão o tempo necessario para se recolherem as suas Esquadras ao Téjo, a Trieste, etc. Depois de declarar guerra á Inglaterra, declarou-a á Suecia; e se o não fez á Turquia, he porque Napoleão consentindo a conquista dos gellos da Finlandia, não permitte, que se faça o ataque dos bellos Paizes do Imperio do Oriente, em quanto não estiver prompto, para ficar com a melhor parte.*

Quem não teria pensado, que a França, e a Europa hião a gozar do repouso, a que aspirão? *Que aspirão muito, e muito, he verdade; mas novos Tantalos cada dia lhes foge mais, por culpa do Usurpador do Continente, o bem, que appetecem.*

E que os votos de V. Magestade para chegar a este unico, e nobre fim de seus trabalhos, de seus triunfos, e de seus innumeraveis sacrificios, serião em fim satisfeitos? *Poucas vezes se tem faltado tão solemnemente á verdade em papeis desta natureza. Dizer-se de hum homem, cuja espantosa Ambição chega a delirio; que até tirou ao Summo Pontifice, que o veio sagrar a París, o Patrimonio de S. Pedro, que em outros tempos lhe dera outro Principe Francez, tambem dotado de ambição, mas generoso; dizer-se de hum homem, que hia sempre fazendo guerra, e dominando a Europa; dizer-se, digo, deste homem, que faz innumeraveis sacrificios, e que suspira pela paz, e pelo descanço, he não reflectir no que se escreve.*

Mas hum novo furor se havia apoderado da Inglaterra. Irritada pela paz do Continente, rejeitou a mediação da Russia com fórmas injuriosas para esta grande Potencia. *Não foi furor, foi intelligencia: o homem menos illuminado da Grão-Bretanha conhecia, que o grande fim de Bonaparte era destruir a Inglaterra pela paz, devastar a Europa, para seus póvos não poderem levantar o jugo de ferro, e depois levar o seu Imperio coberto de cadaveres, e de crimes, desde o Baltico até ao Cabo, desde o Perú até ao Japão.*

A certas palavras de paz, que V. Magestade tinha feito escutar, ella respondeu pela expedição de Copenhague. *Os Inglezes já justificárão completamente o ataque de Copenhague. Quando em 1801 a Russia se unio á França, que partido tomou Dinamarca,*

neutral até então? Unio-se ás duas grandes Potencias Continentaes, nem tinha outro. Foi necessario, que Nelson forçasse com a boca do canhão a entrada do Sund. Tornando as duas Potencias a unir-se pela paz de Tilsit, *que partido tomaria? O mesmo certamente. Para conservar a sua Neutralidade havia deixar perder tudo o que possuia pegado com terra firme, e pouco a pouco as mesmas Ilhas? Isso são chimeras boas sómente para se escreverem. A Protecção da Dinamarca havia fazer-se, como se fez a de Portugal. Que riscos, e que difficuldades não corrião a Suecia, e a Inglaterra, se a Esquadra Russa se unisse á Dinamarqueza? Se em hum mar perfeitamente fechado, e com huma grande Costa occupada pelos Francezes se armassem immensidade de transportes, Lanchas, e outros Navios, pequenos, sustentados por tão grande força de Linha? A invasão pois de* Copenhague *era de absoluta necessidade para a Inglaterra.*

Assim poz ella o remate ás hostilidades, que ha longo tempo exercita contra todas as Nações, insultando sua bandeira, atacando seu Commercio e Independencia. *Não se póde descrever mais exactamente a conducta de Bonaparte. Elle he quem depois da paz de* Tilsit *poz o remate ás hostilidades, que exercita contra todas as Nações; elle he quem derriba os Thronos dos outros Soberanos, quem ataca as Pessoas, as Propriedades, a Independencia das outras Nações.*

V. Magestade contra quem se encaminhava este odioso systema, tinha certamente direito de convocar as Potencias do Continente para sustentar sua Neutralidade contra Inglaterra, e não servirem de instrumento ao invejoso rancor desta Potencia. Tinha direito de pedir a toda a Europa o concorrer para o restabelecimento da paz dos mares, de que a Europa experimenta tão urgente necessidade, e para a sustentação do verdadeiro direito maritimo das gentes, que a Inglaterra altamente declara não respeitar mais. *Donde procedeu tal direito? Havia por ventura alguma liga, pela qual as Potencias se tivessem obrigado a semelhante guerra? A Europa experimenta grande necessidade de paz maritima: quem foi a causa da total interrupção do Commercio, senão o mesmo Napoleão, quando lavrou em* Berlin *aquelle Decreto tão extravagante, como impolitico, relativamente ao bloqueio da Inglaterra? E que esperava elle? Os vindouros acreditarão com custo, que huma Monarchia, que quasi não tinha marinha, cuja bandeira só furtivamente podia apparecer sobre os mares, declarasse por bloqueada huma grande Ilha, que commerciava com todo o Mundo, e que possuia a maior marinha do Universo. Só o seu invejoso rancor, só a sua falta de poder podião dictar tão extraordinario papel.*

Se Napoleão declarasse fechados todos os Portos, e bahias, onde chegassem suas armas, diria huma cousa intelligivel: mas então competia aos Inglezes o direito de bloquear esses mesmos Portos; elle pois era o aggressor, e o direito do bloqueio maritimo rigoroso competia de justiça á Inglaterra.

Póde dizer-se, que não tendo a França meios de fazer a guerra directa á Inglaterra, por falta de marinha, e dos meios de a criar durante a guerra maritima, via-se obrigada a recorrer aos meios indirectos, isto he, forçar as outras Potencias a fechar os seus Portos para diminuir os recursos á Inglaterra. Que por igual Politica em outras idades os Romanos vierão atacar as Hespanhas para dellas expulsarem os Carthaginezes.

Esta Politica he perversa: só convem aos Barbaros ambiciosos, que desejão conquistar o Mundo; taes erão os Romanos, e tal queria ser Napoleão. Se elle não póde fazer a guerra directa, que faça a paz, e não implique as outras Nações nas desgraças inevitaveis de longas guerras. Porém o verdadeiro nó da questão he outro: a guerra maritima he hum pretexto, huma mascara, com que aquelle hypocrita Imperador quer illudir os Soberanos para extinguir todas as Familias Reinantes, mais Illustres que a sua, para arrastar, e encadear todos os póvos, para dar-lhes novos Chefes.

E que liga sería para a humanidade mais justificada, e recommendada pelos interesses mais caros ás Nações? *Ora concedamos, que se fazia esta liga: cada Soberano nos seus Estados devia concorrer com os seus Exercitos para ella; era necessario, que viesse hum Exercito Francez a Portugal, outro á Hespanha, e outros a outros Paizes? Era necessario, que Junot depois de estarem os Portos rigorosamente fechados por espaço de tres mezes désse por extincto o Reinado da Serenissima Casa de Bragança, e por dissolvida a Regencia estabelecida por S. A. R.? Era necessario, que Murat declarasse por incapaz de Reinar a Familia Real d'Hespanha? Ah! que a infamia de tamanhos crimes só póde ser igualada pela sua evidencia. Terá por ventura Napoleão a vaidade de julgar, que seus irmãos, e parentes, universalmente havidos por estúpidos, sejão mais habeis, que os Legitimos Soberanos na Arte de Reinar? Não por certo; a sua maldade e a sua estupidez he que lhe servem, para usar delles como de varas de ferro, com que açoute, e devaste o Mundo. E quando fossem homens melhores, e mais habeis, quem lhe deu o direito de examinar, se os Governos dos outros Soberanos são bem, ou mal dirigidos?*

Os Inglezes desconhecião a Soberania de todos os Governos;

devião pois todos os Governos por-se em pé de guerra contra os Inglezes; devião-no ao sentimento da sua dignidade, devião-no para sustentar a honra dos seus póvos; devião-no para encher todas as obrigações, que ligão entre si os Soberanos da Europa. *Mudando a palavra Inglezes em Francezes fica hum periodo de eterna verdade; a historia inteira da Revolução, a historia de Bonaparte o confirmão sem réplica. Os Hespanhoes, e Portuguezes o conhecêrão em fim; o sentimento da sua Dignidade altamente offendida produzio esta Guerra immortal, que vai calcando aos pés o Orgulho Francez.*

A Inglaterra viola os direitos dos Soberanos, quando obriga as Embarcações, que navegão debaixo da bandeira de outra Potencia a serem visitadas pelos Navios Inglezes, a affastar-se da derrota, onde os leva o seu Commercio, e o destino authorisado por seu Soberano; quando estas Embarcações são arrastadas aos Portos de Inglaterra, e sem attenção aos despachos com que vão munidos, e á bandeira, que trazem, os Inglezes as tratão como se as achassem sem authoridade, ou garantia. *Taes são as justas consequencias do direito de bloqueio. Quando a Inglaterra manda bloquear hum Porto qualquer, e dá disso parte aos Consules das Nações Neutraes, nenhum Soberano deve authorisar a navegação para tal Porto; e o Navio, que tentar romper taes ordens, he de boa preza. Se algum Capitão Inglez visitou Navios sem suspeita, e que navegavão para Portos não bloqueados, commetteo hum particular abuso de authoridade, que o Soberano da Grã-Bretanha havia de reparar, apenas verificado. Era motivo de representação, e não de declaração de guerra.*

Pelas regras do bloqueio, que os Inglezes tem estabelecido, insultão a Independencia de todas as Bandeiras, e violão o Direito público de todos os tempos, que não declara huma Praça em estado de bloqueio, senão quando he atacada por mar, e por terra, e exposta ao perigo de ser ganhada. O direito de bloqueio em tal caso permitte impedir, que huma Praça receba socorros, e conserve communicações com o Exterior. *Está enganado Mr.* Champagny. *Humas Praças se bloqueião só por terra, outras só por mar, e outras de ambos os modos, confórme a sua situação, e os recursos da Potencia, que ataca. O fim da Inglaterra não he conquistar os Portos bloqueados; he impedir, que entrem para elles munições navaes, armas, ou outros generos quaesquer, que augmentem os recursos do inimigo. Ora só o bloqueio maritimo consegue muito bem este fim; he logo licito, e justo. O Autor*

confunde, ou finge confundir este bloqueio com aquelle, que se põe para conquistar Praças.

Mas extendendo-o a terras não bloqueadas, a Imperios inteiros, a Costas immensas, nas quaes elles apenas tinhão alguns Brigs, e algumas Fragatas, os Inglezes tem atacado não sómente seus Inimigos, mas tambem todas as Nações Neutraes, cujo decoro, e ainda mesmo sua obrigação pedem fazer respeitar seus direitos. *Custa bem a persuadirem-se os Francezes, que a Inglaterra tem Navios para bloquear a Europa inteira: custa-lhes bem a crer, que humas poucas de Fragatas, navegando encruzadas ora para o Norte, ora para o Sul bloqueião huma grande Costa. A de Portugal por exemplo se bloqueia facilmente navegando alguns Navios encruzados entre os Cabos de Finisterre, e de S. Vicente.*

Nenhum Soberano ha na Europa, que não reconheça, que se seu Territorio, e sua Jurisdicção chegassem a ser violados com prejuizo de V. Magestade, ficaria por isso responsavel. Se hum vaso Francez fosse aprezado no Porto de Trieste, ou no de Lisboa, o Governo de Portugal, e o Soberano a quem pertence Trieste (*Mr.* Champagny *ignoraria, que Trieste pertence ao Imperador d'Austria?*) deverião olhar como hum ultraje pessoal esta violencia, e este damno causado a Vassallos de V. Magestade: não poderião hesitar em constranger por força a Inglaterra a respeitar seus Portos, e seu Territorio. Se seguissem hum procedimento opposto, far-se-hião cumplices do aggravo feito pela Inglaterra a Vossos Vassallos; constituir-se-hião em estado de guerra com V. Magestade. *Parece, que* Champagny *quer dar a Napoleão authoridade sobre os outros Monarchas; pois saiba, que não era preciso, que os Navios fossem Francezes; de qualquer Nação, que fossem, o Soberano do Paiz, em que estavão, os devia proteger contra o ataque de qualquer inimigo; esta obrigação todos a reconhecem, e defendem com as suas forças. Quantos Navios Francezes acoçados por Inglezes não tem escapado, acolhendo-se a Portos Portuguezes?*

Quando o Governo Portuguez soffreo, que suas Embarcações fossem visitadas pelos Navios Inglezes, foi violada sua Independencia por seu proprio consentimento pelo ultraje feito á sua Bandeira, como ella o teria sido, se a

Inglaterra violára seu Territorio, ou seus Portos. *Que miseravel Logica! No §. antecedente fallava de Navios Francezes — tomados — nos Portos Portuguezes. Agora neste, que se reputa consequencia do outro, falla de Navios Portuguezes — visitados — no mar alto. Serão cousas semelhantes?*

As Náos de huma Potencia são como porções de seu Territorio, que vogão nos mares, e que cobertas com sua Bandeira devem gosar da mesma Independencia, e ser defendidas das mesmas offensas. *Náos serem porções de Territorio he descobrimento novo: huma porção de Territorio tambem poderá navegar para Portos bloqueados?*

Este procedimento de Portugal dava a V. Magestade o direito de propor-lhe a alternativa, ou de fazer comsigo causa commum, mantendo os direitos da sua Bandeira, e declarando guerra á Inglaterra; ou ser considerado como cúmplice do mal, que desta violação resultasse aos interesses de V. Magestade. *Que reprehensivel procedimento teve Portugal? O de serem visitados os Navios Portuguezes? Esta especie já tantas vezes refutada torna sempre a apparecer, porque he a unica, que se póde fazer valer. Por ventura as Esquadras Inglezas hão de deixar passar os Navios, sem os visitarem, e os Exercitos, e Officiaes das Alfandegas Francezas estabelecidas em grande parte da Europa hão de examinar todos os Mercadores, e Passageiros, para verem se levão fazendas Inglezas? Os Francezes forão de sorpreza atacar* Liorne, *Porto Neutral; sequestrarão todas as Fazendas Inglezas, e admirão-se de que no mar se lhes faça o mesmo?*

Em toda a parte se tem reconhecido a necessidade de tomar contra a Inglaterra disposições semelhantes, de fechar-lhe os Portos todos, de applicar-lhe por represalia a inhospitalidade de seus principios. O inimigo do Continente deve ser reduzido a interdito no meio dos mares, de que pertende reservar-se o Imperio. *Em toda a parte tem o cruel Napoleão obrigado as Nações Neutraes a cortarem a si mesmas o seu Commercio, e a estancarem as fontes das suas riquezas. A inhospitalidade dos principios do seu atroz Decreto de* Berlin *forçou a Inglaterra (depois ainda de alguns mezes de contemporisação) a justas represalias. O Inimigo do Continente, e do Mundo deve ser reduzido a interdito no meio do mesmo Continente, de que pertende arrogar-se o Imperio.*

Nesta situação todas as Potencia podião, e devião esperar huma d'outra hum reciproco apoio. A separação de huma dellas era huma infracção das Leis de confiança, e de interesse, que as união todas; rompia a cadêa protectora estendida á roda do Continente, e abria ao Commercio da Inglaterra hum culpavel accesso, quando todos os outros Estados concertavão seus esforços para excluir seu Inimigo commum da feira da Europa. *Que serie de extravagancias! Com que, era do interesse de cada Nação vedar a si mesma todo o Commercio, sem o qual não ha giro algum, e por consequencia nem Agricultura, nem Industria, nem riqueza Nacional? Com que, o Commercio só he util á Inglaterra, e todas as mais Nações perdem, quando commerceião? Parece, que* Champagny *não tinha nem as primeiras noções desta Sciencia. Por ventura ignora o que Mirabeau diz, que aquelle Principe, que interrompe o Commercio com os seus visinhos, pensando perjudicar-lhes, corta a garganta a si mesmo?*

Suponhamos porém, que havia necessidade de se formar huma liga, que tomasse por base o principio, de que a bandeira cóbre a mercadoria: era em hum tempo, em que Bonaparte tinha provocado a Inglaterra a justas represalias, e atacado a Independencia de todos os Neutros pelo seu Decreto de Berlin, *que poderião lançar-se os fundamentos de tal liga? Era em hum tempo, em que as marinhas de todas as Potencias Europeas, enfraquecidas, bloqueadas, e desunidas não podião combater as Esquadras Inglezas, que se devia cuidar de huma guerra maritima? Mas para que nos cançamos? He já tempo de explicarmos o enigma do Decreto de* Berlin.

Bonaparte tinha tornado quasi nulla a Potencia Austriaca; tinha comprado os segredos do Gabinete Prussiano, e acabado totalmente a Monarchia do Grande Frederico. Concebeu então o projecto da Conquista, e devastação da Europa. Fez depois o Decreto do bloqueio da Inglaterra, persuadido, e desejando, que esta usasse de represalias: propunha então ás Potencias Neutraes, que declarassem guerra á Inglaterra, para sustentarem a honra da sua Bandeira; se a declaravão, vinha hum Exercito Francez proteger a Nação contra a imaginada invasão dos Inglezes; se a não declaravão, vinha hum Exercito Francez vingar a affronta, e fazer a Conquista; de maneira que por todos os modos a França havia conquis-

tar a Europa. Não se cuide, que isto he só verosimil; a ainvasão de Portugal correu exactamente todos estes periodos. A Hespanha, antiga, e intima Alliada da França não estava em nenhum dos dous casos: não havia pretexto algum para o seu ataque; rasgou-se a mascara, e disse-se; que a actual Dynastia Hespanhola era velha, e incapaz de reinar: maior desaforo não contão por certo os Fastos do Genero Humano. Não era mais decente, e até mais Politico dizer com Alexandre = tenho sede de Conquistas em quanto souber que ha homens, e Mundo para Conquistar. =

E em que momento trahio Portugal a causa do Continente? A Inglaterra devia esperar ainda hum Alliado, quando exercendo suas violencias por todos os mares, ameaçava o novo Mundo, e o velho, atacava sem motivo de agressão a Bandeira dos Americanos; e inundava suas proprias praias com o seu sangue; quando vergonhosamente famosa pelos desastres de Copenhague, que surprendeo no meio da paz, e sem defeza, buscava no saque de seus Arsenaes alguns tristes, e sanguinolentos despojos? *Não havia causa geral do Continente; nem Portugal a trahio. Que importavão a esta Nação as disputas entre Inglaterra, e America? A guerra entre estas duas Potencias vinha todos os dias annunciada, como proxima, nos papeis vendidos á França, e não rompeu ainda. A America não precisava de Campiões, que defendessem o seu decoro; e Portugal não era hum Alliado da Inglaterra; era huma Potencia Neutra, que tinha comprado por muitos milhões a sua neutralidade á propria França. Tornão outra vez no fim deste § as aflições relativas á conquista de Copenhague: Sabemos que foi o golpe, que mais custou a Bonaparte; que começou a cadêa funesta de suas desventuras; que lhe era de summa importancia ter huma poderosa Armada dentro do Baltico: porém tenha paciencia; a vigilancia Ingleza estallou os seus projectos: he o que nos succede, quando nos medimos com homens de mais talentos, do que nós.*

Mas o escandalo deste acordo do Governo Portuguez com a Inglaterra remonta a outros tempos. Quando a Inglaterra meditava em 1806 reacender na Europa a guerra, que V. Magestade gloriosamente terminou, enviou huma Frota a Lisboa; os Ministros fizerão conferencias; o tempo descubrio

seus fins, e resultados. *Até agora ainda não lemos, senão ideas vagas, e absolutamente falsas sobre ligas, e interesses do Continente, insultos de Bandeiras, ect. e nenhum motivo real de escandalo: começa o primeiro, e he a vinda da Esquadra de* Jervis *a Lisboa. Se os Francezes ignorão a razão, porque ella veio, nós lha vamos a aclarar.*

Quando Lauderdale, *e* Taleyrand *negoceavão a paz entre as duas Nações, o segundo em huma das suas ultimas Conferencias, fallou da Conquista de Portugal; querendo-se já fazer então o mesmo, que se fez em Novembro de* 1807. *Os Inglezes se aterrarão, com razão, pela nossa sorte,* Jervis *appareceu em Lisboa para avisar a nossa Corte do perigo imminente, e para sustentar a retirada de S. A. R. para o Brazil, unico recurso, que lhe restava contra a maldade, e perfidia de seus inimigos. Nesse mesmo tempo rompeu a guerra da Prussia, não acendida pela Inglaterra, como falsamente se diz, mas provocada pelas pertenções injustissimas, e sempre renascentes de Napoleão. Como este Perfido vio escapar a occasião, fingio, que a proposta da Conquista de Portugal tinha sido hum laço armado á Inglaterra, e assim foi dito á nossa Corte, que não sei, se o acreditou, ou não. Mas he certo, que a guerra do Norte suspendeu por tempos o ataque de Portugal: apenas ella acabou, e Bonaparte voltou a París, repentinamente metteu hombros ao seu antigo projecto. Tal he o grande escandalo, que démos aos Francezes.*

As Esquadras Inglezas enviadas ao Rio da Prata não derão fundo no Rio de Janeiro? As tropas, que elles lançarão em Buenos-Aires, e Monte-Video não recebêrão vitualhas do Brazil? Estes soccorros remotos podião escapar á attenção da Europa, mas ella vio Portugal recolher, e abastecer em seus Portos as Náos Inglezas destinadas ao bloqueio de Cadix, e que hião atacar Constantinopla, e o Egypto; as que devião desembarcar Tropas no Reino de Napoles, para ahi fazer rebentar a rebellião; as que devião introduzir Fazendas Inglezas em todas as Costas do Mediterraneo, ainda que Portugal soubesse, que todos os Portos do Meio-dia lhe estavão fechados. *Todas estas cousas se fazião muito legitimamente*: Mr. Champagny *devia lembrar-se, que se tinha ajustado huma Neutralidade entre Portugal, e França, durante a guerra actual com Inglaterra. Os Inglezes po-*

dião, assim como os Francezes, entrar nos nossos Portos, comtanto que não excedessem o numero estipulado. Se os Inglezes entrarão no Rio, já os Francezes se não lembrão, que a Esquadra de Jeronymo Bonaparte esteve fundeada na Bahia, onde se proveo, e demorou, e nem por isso os Inglezes se queixarão.

Hum Consul Francez, que Portugal tinha recebido, e admittido a exercitar suas funcções no Porto de Faro, foi arrancado de sua Casa pelo intendente das Alfandegas; foi arrastado aos Calabouços, e não sahio senão para ser desterrado; e o Governo Portuguez se recusou por tres mezes a reparar este ultraje. *A que ninharias se não recorre, quando não ha solidos fundamentos para fazer a guerra! Este Consul, era hum grande malvado, criticava amargamente o Governo, e commettia todos os crimes; era hum destes homens perversos, que precedem constantemente os Exercitos Francezes para semearem a discordia entre os povos, e o Soberano, e servirem de espias. Foi prezo este homem; mas pouco depois se soltou, e se mandou prender o honrado Ministro, que o prendera; e tudo a representação de* Mr. Herman *então Consul em Lisboa: como porém não se enforcou, ou queimou vivo o dito Ministro Portuguez, não se derão por satisfeitos os Senhores Francezes.*

Protestações de Neutralidade velavão mal este procedimento hostil; a Corte de Lisboa teve de explicar-se sem rodeios; V. Magestade lhe propoz acceder ao Systema do Continente, e á custa disto se esqueceria de tudo. *Protestações de Neutralidade! Não erão protestações, era huma Convenção ajustada, e ratificada pela França. Procedimento hostil! Não apontarão hum só caso bem fundado até ao presente. Propoz acceder á causa do Continente; quer dizer, propoz ser Vassallo de Napoleão, e cúmplice de todos os seus crimes; pois podemos affirmar, que nem ainda assim elle se esqueceria de assentar no Throno Portuguez huma Dynastia nova, nem assim se esqueceria de assolar o nosso Paiz, de nos reduzir a escravos.*

Se Portugal abraçava este Systema, devia affiançar a V. Magestade as suas disposições; e já que tinha permittido que Francezes, e propriedades Francezas fossem tomadas pelos Inglezes, a bordo de suas Embarcações, devia elle a

requerimento de V. Magestade prender os Inglezes, que viajavão em Portugal, e aprezar as Mercadorias Inglezas, como refens para vossos Vassallos, como indemnisação por suas perdas. *A* Mr. Champagny *esquece hum artigo, a que tambem Portugal estava obrigado, segundo a requisição de seu Amo; era a entrada do Exercito Francez para* (dizia Bonaparte) *guarnecer os Portos contra os Inglezes. Que taes erão as moderadas e justas proposições da França! Fechar os seus Portos aos Inglezes, e em consequencia do bloqueio subsequente, a todas as Nações — cativar todos os Inglezes estabelecidos em Portugal — roubar as suas propriedades — deixar entrar hum Exercito Francez. E quem havia de ser o executor de tão execrandas acções? O proprio Governo Portuguez. Antes não ser Principe; que digo! Antes deixar de existir, do que ser traidor; prender, e roubar huns Estrangeiros, que estavão de boa fé dentro das nossas habitações! Só na boca de hum Tigre, se Tigres fallassem, podia caber semelhante proposição.*

A nossa Côrte respondeo com Honra: que fecharia os Portos, quando se tivessem recolhido os muitos Navios, que tinhamos no mar, a nossa Esquadra do Estreito, e posto em segurança as Colonias: que S. A. R. não podia convir em mandar Elle mesmo prender e sequestrar as Pessoas, e Fazendas Inglezas, que vivião, e estavão em Portugal debaixo da salva guarda da Honra Nacional, e dos Tratados; e porque nesse tempo mesmo consentia a Inglaterra o grande Commercio, que se fazia entre Portugal, e França para os Portos não bloqueados; que se os Francezes tinhão perdido alguns bens, a bórdo dos Navios Portuguezes, tomados no alto mar pelos Inglezes, fosse com justiça, ou não, S. A. R. estava prompto para restituir á França o seu importe: que não havia para guarnecer os nossos Portos necessidade alguma de entrarem os Exercitos Francez, e Hespanhol no Territorio Portuguez: que conhecia não poder resistir á força das duas Nações, mas que tinha grandes Estados, onde se fosse estabelecer.

Desde então os Amigos do seu Soberano, e da Patria conhecerão a necessidade da Familia Real se retirar para o Brazil. Muitas Memorias se offerecerão a este respeito; hoje me lisongeo de ter sido huma das Pessoas, que mais activamente sustentou esta opinião. Quem não via, que a alma feroz

de Bonaparte não desandava? Quem não via, que ella caminhava como huma violenta, e cega machina até derribar os Thronos, transtornar todas as antigas instituições Sociaes?

Porém depois que S. A. R. descobrio huma tão Magnanima Resolução, digna de si, e dos seus, opposta aos interesses, e ás vistas tyrannicas de Bonaparte, que queria, pondo o pé em Portugal, como ponte, salvar o immenso vão do Atlantico, conquistar, e destruir ambas as Americas, fatal á França, fatal á Europa, que mais cedo ou tarde havia estar dependente da America, então estava perdido; não podia recuar, sem certeza de perder a liberdade, e talvez a vida. A nobre Resolução de S. A. R. era pois a melhor reposta, que se podia dar á desenfreada audacia de Napoleão.

Mas longe de defferir ás propostas de V. Magestade, o Governo Portuguez não tomou por ellas outro cuidado mais do que o participal-as á Côrte de Londres, tranquillisar a Inglaterra á cerca dos seus interesses, affiançar-lhe a segurança dos Inglezes, e de suas propriedades em Portugal. *O Governo Portuguez fez o que devia; mas* Champagny *devia tambem escrever, que o mesmo, que se mandou dizer á Côrte de Londres se escreveu para a de París. Donde nascerá a má fé de se dizer, que quiz tranquillisar a Inglaterra, dando-se nisso a entender, que se encubrio a verdade á França! Nasce de querer elle, e os mais satellites de Napoleão enganar os Francezes.*

Elle não tinha protegido nem os Francezes, nem seu Cõmercio; mas pessoas, e Cõmercio de seus inimigos continuarão a ser livres, e favorecidos. *Outra insigne falsidade: Portugal favorecia ambas as Nações; até em Lisboa erão os Francezes muito mais considerados: seja prova disso o que passou com* Lannes, *com o proprio* Junot, *e com muitos outros: seja prova da actividade do nosso Cõmercio para França a quantidade de Navios Portuguezes, que estavão nos seus Portos, quando em Setembro de* 1807 *Napoleão os mandou embargar, e tomar por perdidos.*

Promette-se sim unir-se á causa do Continente, e até declarar guerra á Inglaterra; mas quer-se fazel-a, para assim dizer, de acordo com esta: fornecer-lhe debaixo de apparencias hostís os meios de continuar seu Cõmercio com Portugal, e Portugal com o resto da Europa; genero de guer-

ra equivalente a huma Neutralidade aleivosa. *Não ficou só em promessas; fecharão-se effectivamente os nossos Portos; os Inglezes os bloqueárão depois; a Inglaterra não cõmerciava comnosco, nem nós com o resto da Europa, e a pezar disso entrou o Exercito Francez. Dir-se-ha, que Portugal fazia tudo isto de má vontade; sem dúvida, que o fazia: e querião os Francezes, que não tivessemos sensibilidade alguma, que beijassemos a mão, que nos açoutava terrivelmente? S. A. R. via estancadas as grandes rendas das suas Alfandegas; o Cõmercio perdido; a Metropole isolada, e separada das Colonias, o seu Povo exposto a morrer de fome, e de pobreza, e havia fazer tantos sacrificios alegre, e satisfeito? Isso era impossivel; podemos governar as acções dos outros homens, mas não o sanctuario dos seus sentimentos.*

Se Napoleão não quizesse sinceramente senão a guerra maritima, e desconfiava, que continuassemos o Cõmercio com Inglaterra, mandasse Commissarios para os nossos Pórtos, que vigiassem sobre esse artigo. Hum Navio, ou huma Esquadra não são cousas, que deixem de se ver muito bem: era huma insolencia, he verdade; mas ao menos mostrava, que queria ter com os Portuguezes alguma, inda que levissima, attenção. Porém fazendo logo marchar Tropas, era mais que obvio, o que depois a experiencia mostrou cabalmente, que a guerra maritima era hum pretexto, a vassallagem de todo o Continente, o seu fim real.

Pedem-se soccorros á Inglaterra, e para ganhar tempo, tenta-se enganar a V. Magestade por declarações apparentes; allegão-se escrupulos sobre algumas das consequencias da guerra, quando nenhuns se tem sobre a mesma guerra, que rompe todos os laços. *He incrivel como os Francezes depois da Revolução alcançarão huma impudencia em escrever quantas falsidades lhes lembra. Não ha cousa mais sabida do que o não se terem pedido, nem querido soccorros alguns da Inglaterra. E como se havião pedir, se Portugal não fazia o mais leve preparativo de defeza! As Tropas vinhão marchando para a Costa de mar; as Praças das fronteiras, e os desfiladeiros ficarão em hum abandono absoluto; e queria fazer-se a guerra? Chama escrupulos o esperar, que se recolhesse a nossa Esquadra do Estreito; que chegassem os muitos e ricos Navios; que tinhamos no mar; que*

se acautelassem as opulentas Cidades pouco defensaveis, que possuimos na America, e na Africa? Mr. Champagny *parece estar fóra de si.*

Debalde V. Magestade dignando-se condescender com estes pertendidos escrupulos modificou suas primeiras petições; renovarão-se as mesmas recusações. Faz promessas Portugal; mas sobre diversos pretextos retarda executal-as. Ora he o PRINCIPE da Beira, hum Menino de doze annos, que se pertende enviar ao Brazil para defender esta Colonia: ora he huma Esquadra esperada do Mediterraneo, que se quer pôr em segurança no Téjo. *Napoleão nunca cedeu dos pontos principaes; fingio abrandal-os alguma cousa para ver, se adormecia S. A. R., e podia apossar-se de Sua Augusta Pessoa, para que não executasse o fatal projecto da viagem para a America: além disso não instou duas, ou tres semanas nas mesmas requisições; mas porque não instou elle? He porque o Exercito chamado da Gironda, destinado contra Portugal, ainda não estava prompto. Bonaparte chegou a París a 27 de Julho: logo expedio o Expresso a Portugal, logo mandou formar o Exercito de Bayonna; gastarão o mez de Agosto as Tropas para virem de partes muito remotas; já a 3 de Setembro* Junot *estava naquella Cidade. Por todo o Setembro, e parte de Outubro vierão vindo as differentes divisões, e o Exercito começou a sua marcha para Hespanha a 19 de Outubro. Atravessou a Hespanha inteira até Alcantara em hum mez; e a 19 de Novembro entrou, sem descançar, em Portugal. Taes forão os vagares, e modificações, com que o Gabinete Francez tratou o nosso.*

A Esquadra Portugueza se preparava para conduzir ao Brazil ou o PRINCIPE da Beira, ou S. A. R. conforme as circunstancias; porque os perfidos designios de Napoleão começavão a ser patentes, e hum Soberano nunca se deve deixar cercar de buyonetas estrangeiras. Se o PRINCIPE da Beira fosse para o Brazil, não era para defender aquella Colonia, á testa de Exercitos, como ironicamente suppoem Mr. Champagny; *era para haver hum ramo de Familia Real naquelles Estados; nem se havião deixar sós, estando os Francezes em Lisboa, porque então facilmente os governarião, e se apossarião pelo menos das ricas Capitanias do Pará, e Maranhão, que ha tanto tempo ambicionão, e desejão usurpar. Mas he chegada a occasião de*

lhe tirar os motivos aas pertenções. Cayenna, e as poucas possessões Francezas sitas na Terra Firme fronteira, devem ser conquistadas, os seus habitantes Francezes remettidos para França, ou derramados pelo Sul do Brazil, e fundar-se ahi huma forte Colonia Portugueza.

Assim Portugal enleado em seus artificios, e contrahindo com a Côrte de Londres obrigações reaes, e uteis aos Inglezes, com França obrigações simuladas, e vagas, *Portugal tinha mandado dizer para as Côrtes de Londres, e de París as mesmas cousas, e contrahido as mesmas obrigações. Até das disposições, e intentos da viagem do Brazil se deu parte á Ingaterra, e á França, cousa que se podia muito licitamente encobrir á ultima. Até nos chegámos a lisongear, que Napoleão conhecendo a funesta influencia, que faria na Europa a Independencia da America, suspenderia a invasão deste Reino; porém elle julgava, que na Côrte de Lisboa não haveria tamanha resolução, e muito menos no Inverno; não sabemos se teve mais alguns dados para se illudir, como logo diremos, mas he certo, que desta vez se enganou nos seus calculos.*

Espera os soccorros, e conselhos da Inglaterra. *A respeito dos soccorros he falso, como já dissemos; e a respeito dos conselhos tambem será crime ouvil-os?*

Procura afastar as ameaças do Continente, e humilhando se diante de huma, e outra, *Procurou he verdade, e de que modo! Fazendo immensos sacrificios. Ouvio os conselhos de Hespanha, que propunhão que ainda se evitaria o golpe, se se fechassem os Pórtos aos Inglezes, e prendessem os que ainda restassem: S. A. R. suppoz sinceridade nestes conselhos, e por não deixar os seus Póvos, a sua Patria, os Palacios, que o virão nascer, muitos dos seus criados, e parte de suas riquezas, abrandou de suas primeiras repostas, seguio os conselhos da Hespanha, e fechou os Pórtos á Inglaterra, na firme persuasão, que não seria mais inquietado. Aqui está o que os Francezes chamão humilhar-se diante de huma, e outra Potencia! Ah! que esta audacia insultante procede de saberem, que Portugal não se podia defender, que havia de subir a Lei, que lhe quizessem dar. Que vão agora, ou em qualquer idade fazer ao Brazil proposições tão insultadoras; o Enviado, que as levasse, certamente não traria a reposta.*

Expoem, como cego, á sorte dos successos os interes-

ses, *Engana-se Mr.* Champagny: *as noticias de Hespanha fizerão com que S. A. R. rompesse com Inglaterra; com que deixasse cortar huma perna, por ver se salvava o todo. Logo porem se assentou, que se o Exercito Francez entrasse em Portugal, contra as promessas da Hespanha, S. A. R. se retiraria para o Brazil. Estavão tomadas as medidas para ambas as hypotheses: cego era o Gabinete de Thuilherias se pensava, que estavamos a dormir entregues ao acaso.*

E por ventura a mesma existencia de huma Nação, que toda inteira lhe pede não a entregue a huma Potencia tão funesta aos seus Alliados. *He preciso, que aclaremos esta supposição dos Francezes: Lisboa abundava em homens, sem Religião, sem moral, e inimigos do Estado; muitos delles fazião entre si associações occultas, que tinhão por fim destruir tudo o que havia entre nós de mais sagrado, e mais augusto. Estes homens he que convidarão e instarão com os Francezes (que não precisavão de rogados) para virem a Portugal: estes homens he que lhes fizerão persuadir, que tinhão hum grande Partido na Nação. Porém huns, e outros se enganarão, como logo no principio o experimentou* Junot, *e muito melhor o vai experimentando agora; porque a maioria de Lisboa, e a totalidade das Provincias conservava o antigo caracter Portuguez, e via com horror esses monstros, e essas nuvens de espiões, que enchião, e enchem as ruas de Lisboa. As Authoridades, os Córpos Militares, e a Nação inteira os pesquizará, os examinará, e os castigará terrivelmente.*

A epocha, que V. Magestade aprazara para a decisão, que esperava, esta epocha, que V. Magestade quiz prorogar, está chegada. Portugal decidio elle mesmo sua sorte. Elle rompeo suas ultimas cõmunicações com o Continente, reduzindo as legações de França, e Hespanha a deixar Lisboa. *Quem não pasmará de ver a arrogancia com que Bonaparte falla aos outros Soberanos? Nem o Senado Romano insultava tanto os Reis seus vassallos. Assim convem, que vejamos qual foi a porção de tempo, que a bondade de S. Magestade quiz prorogar. Pouco antes do meado de Agosto he que chegou o primeiro correio Francez com aquellas horrorosas proposições, que ninguem sonhava. Passados dias foi a reposta da nossa Côrte; no meado de Setembro veio outro correio, que trazia o* ultimatum, *e prazo até ao fim de Setembro. Era tal*

a arrogancia, a acceleração das duas legações, que partirão antes ainda que o Exercito de Bayonna tivesse entrado em Hespanha. Taes forão as prorogações de prazos, que devemos a Bonaparte!

Assim se descobrem suas intenções hostís, as quaes fracamente mascarava huma lingoagem de perfidia, e de doblez. *Com effeito fallar-se a Napoleão de perfidia, e de doblez he hum attentado. Portugal via-se entre dous formidaveis perigos; deliberava qual dos dous escolheria; e os Chefes dos hypocritas, e dos perfidos chamão a esta duvida, a esta deliberação perfidia, e doblez!*

Não sómente os Inglezes, e suas mercadorias forão postas em salvo, mas os preparativos militares, que Portugal faz são dirigidos contra a França; para romper não espera senão pela chegada da Esquadra, e do Exercito Inglez, que saquearão Dinamarca: Louca esperança, que se se realisara, poria o remate a todos os seus males! *Hum habitante do Norte ainda poderá ler este § a sangue frio: mas nós os Portuguezes, e os Hespanhoes, que fomos testemunhas da verdade, nós não podemos ler sem horror tantas falsidades.— Portugal fazer preparativos militares! Portugal esperar por hum Exercito Inglez, para romper com a França! Se isto não he sonho, parece-o. Se fizessemos a guerra, poriamos o remate aos nossos males? Engana-se Mr.* Champagny. *Nós estavamos em paz, e lhe preferimos a guerra, e huma guerra de morte contra França. Experimentamos o dominio Francez, e achámos, que o maior mal, que póde ter hum povo no Universo, he estar sujeito a tal Governo.*

V. Magestade o verá com mágoa alistar-se entre os seus inimigos; mas não póde considerar já como huma Potencia amiga, nem como huma Potencia Neutral, aquella que renunciou á sua Independencia, que deixou violar a honra da sua Bandeira, e que sacrificou a nossos inimigos os interesses de V. Magestade, e de toda a Europa. *Se o coroção de Bonaparte, tinha, ou não mágoa, os fastos dos seus grandes crimes o dirão: as mais asserções são consequencias de principios já completamente refutados.*

Portugal se poz em estado de guerra com França, quaesquer que fossem para com elle as disposições benevolas de V. Magestade. A guerra contra Portugal se tornou para com

V. Magestade hum rigoroso, mas necessario dever. *Mais duas protestações do bom coração de Bonaparte; prova certa da sua excessiva fereza, e crueldade. Porém se a guerra era hum dever necessario, porque não entrou* Junot, *como inimigo? Porque usou da perfidia de dizer, que vinha como Amigo, e para fazer causa cõmum? A razão he porque queria assenhorear-se da Augusta Pessoa do Principe, e de toda a Familia Real. Nisto está o necessario dever da guerra, que cá o trazia: mas para o dizer de passagem, e a Historia depois o provará cabalmente,* Junot *se marchou com muita rapidez, commetteu grandes erros, aliás chegaria a Lisboa antes da partida da Familia Real; podia, e devia evitar o Zezere; devia trazer carne tostada, e pão para alguns dias, para não se demorar nas povoações, nem commetter nellas tantas hostilidades bem notorias.*

O interesse do Continente donde os Inglezes devem ser excluidos força V. Magestade a declaral-a. Mais longas demoras não terminarião senão em entregar Lisboa nas mãos dos Inglezes. *Ainda vinha a tempo esta declaração feita em Janeiro, quando Portugal tinha sido invadido em Novembro do anno antecedente. Sabemos de Conquistas feitas, sem precederem declarações de guerra; mas fazer-se huma tal declaração, depois de se ter tomado posse de Lisboa, e de todo o Reino, he cousa nova. Aqui tornão a apparecer na Scena os Inglezes a occuparem Lisboa. Quem se lembrará, que os Inglezes se estabelecerião em huma Cidade totalmente aberta, quando a França, e Hespanha Alliadas não tinhão guerra nenhuma no Continente? O mesmo* Mr. Champagny, *que o escreve, não o crê.*

Tenho pois a honra de propôr a V. Magestade o remetter á Legação de Portugal passaportes para sahir de França, e contemplar como quebrados de todo os laços de Paz, que Portugal quiz quebrar. *Vê-se bem da Historia das Negociações quem quiz quebrar todos os laços de paz com Portugal, e com todos os Povos do Mundo.*

Se esta guerra houver de levar Portugal a soffrer a sorte de tantos Imperios, que cahirão como victimas da amisade da Inglaterra, V. Magestade, que não procura semelhantes successos, *E todos o crêm: este pacifico Imperador não quer nem guerras, nem Conquistas.*

Sentirá sem duvida, que o interesse do Continente a tenha feito necessaria. *Sem duvida; e a não ser o interesse do Continente, para guardar, e proteger o qual Napoleão teve huma missão evidentemente celeste, este bom Homem não incõmodaria huma unica Pessoa no Mundo. Não se póde ver, sem horror summo, tanta maldade junta a tanta hypocrisia.*

Suas vistas, que se tem constantemente elevado em seu poder, *He talvez a unica cousa, em que* Mr. Champagny *falla verdade. Apenas Napoleão faz huma compra, ganha hum Gabinete, ou huma batalha, logo levanta as ideas de usurpação a outros climas, a outros paizes: se chegasse a conquistar as Hespanhas, a destruição da Austria, e da Turquia era tão certa, como a existencia do dia de ámanhã.*

Lhe mostrão na guerra mais de pressa hum flagello para a humanidade, de que huma nova perspectiva de gloria. *Já enfada tanta hyprocrisia relativamente á bondade do coração de Bonaparte.*

E todos os desejos de V. Magestade serião não ter outro objecto de seus votos, mais que a propriedade do seu Imperio. Sou &c.

(assignado) = *Champagny* = *Fontainebleau*, 21 *de Outubro de* 1807.

Não sei se ha Francez, que creia na sinceridade dos votos de Napoleão: tem sacrificado, e vai sacrificando centos de milhares de Francezes para dar coroas a seus irmãos, ou amigos, e para segurar a sua na cabeça. Que importava á França, que Jeronymo Bonaparte fosse Rei de Westfalia, para se entregarem á morte 200$ *Francezes, na Russia, e na Polonia? Se assim continuar, a prosperidade do Imperio Francez será no outro Mundo.*

FIM.

18-446

C808
F825e1

1200

cc (Portrait)
Acc 7/14/11